

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



deviam ser consideradas como uma adicção certa e por isso deveriam desaparecer do texto pròpriamente dito, ficando no aparato com um *add.*

Na p. 56, linha 16 e p. 57, linha 15 encontra-se a palavra *petroselinum*. Os dois códices que serviram de base ao texto têm, em ambos os casos, *petrosilenem* VE. Também nós lutámos para reconstituir este vocábulo, pois encontrámos para ele, nos manuscritos, 10 formas diferentes (cf. J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, I vol., p. 339, linha 13). O pior é que M. E. Milham não se documenta para garantir a forma exacta...

Apesar do trabalho dos filólogos, certos passos resistem a qualquer interpretação e por isso estão, judiciosamente, assinalados com uma *crux*: pp. 18, 49, 77. Julgamos que com o mesmo sinal † devia vir marcada a palavra *addena* (p. 87, linha 5), pois lealmente se declara tratar-se de «palavra desconhecida».

Os *Apici excerpta a Vinidario* ocupam as pp. 87-94. Milham parece utilizar só um códice. Daí o recurso frequente às suposições dos intérpretes. Não vimos qualquer referência à identificação de Vinidário. Segundo o Prof. Díaz y Díaz trata-se de «un godo» (cf. M. C. Díaz y Díaz, *Antología del latín vulgar*, Madrid, 1962, p. 64).

Achamos da maior utilidade o *Index comparatiuus recentioris latinitatis* (pp. 107-116) em que estão registadas todas as palavras não abonadas antes de 14 a.C.

JOSÉ GERALDES FREIRE

JACQUES FONTAINE — *La littérature latine chrétienne*, Presses Universitaires de France, Paris, 1970, pp. 128.

A colecção «Que sais-je?» publica, sob o n.º 1379, uma Literatura latina cristã. Poderia parecer, à primeira vista, que, dado o escasso número de páginas que a série impõe aos Autores, seria difícil conseguir, de modo tão condensado, uma *História* das letras latinas cristãs. A obra foi, porém, entregue a um perito que soube conciliar o resumo (ou mesmo a omissão) de escritores secundários, com um desenvolvimento insuspeitável para as grandes figuras de Padres da Igreja. Fontaine parece escrever de um jacto, possuído como está de um conhecimento dos autores, que ressuma sempre a fruto de uma interpretação pessoal, provindo do contacto directo com as obras analisadas e não de apropriação de opiniões alheias.

Numa densa introdução (pp. 5-10) expõe o interesse que a literatura cristã despertou desde o final do século XIX nos romanistas, historiadores, filósofos e teólogos. De ciência auxiliar de outros ramos do saber, tornou-se no século XX numa disciplina autónoma, com objectivos estéticos e literários. Não vamos, porém, até ao ponto de subscrever a afirmação de J. Fontaine de que «as obras dos autores cristãos de língua latina são, em primeiro lugar, obras literárias» (p. 7). Pensamos antes que em muitos casos somos nós que nelas procuramos valores

literários, mas o seu autor apenas queria transmitir a mensagem cristã. Isto observa-se sobretudo nos escritos anteriores a Tertuliano, nas Actas dos mártires, nas páginas predominantemente pastorais, etc. A seguir assinala Fontaine, com razão, a dupla influência que alimentava os autores cristãos: a linguagem bíblica, com o seu semi-tismo interno, e o atavismo clássico latino (p. 9). Em sua opinião, os autores cristãos devem ser considerados autores tardios a título pleno (p. 10). Quanto a nós, ainda que reconheçamos um fundo de uma língua comum entre autores pagãos e cristãos contemporâneos (p. 10), achamos que devia ser posto em realce o aspecto inovador na língua e na estilística dos escritores cristãos. Embora mencione na bibliografia (p. 126) a contribuição da «escola de Nimega», a verdade é que Fontaine não contou com ela para nada, mesmo quando estudou escritores como Tertuliano, S. Cipriano ou Santo Agostinho. Se «o diálogo entre cristãos e pagãos supõe bem uma língua comum» (p. 9), é certo também que os pagãos, quando entram em polémica com os cristãos, têm que introduzir no seu texto palavras novas cujo sentido «especial cristão» se vêem obrigados a explicar aos seus leitores (cf. J.-M. Demarolle, *Un aspect de la polémique païenne à la fin du III siècle: le vocabulaire chrétien de Porphyre* in *Vigiliae Christianae*, vol. XXVI, pp. 117-129). Tem, pois, plena razão Fontaine quando adiante escreve que os autores cristãos se encontram «sob o signo de uma dupla cidadania literária» (p. 10).

O cap. I, «a geração de Tertuliano» (pp. 11-24), começa por uma referência às mais antigas traduções da Bíblia, propondo, com acerto, que em vez de se falar numa *Vetus Latina* se acentue antes a ideia de várias *Veteres Latinae* (p. 12). E aqui vem uma primeira comparação com a literatura latina profana, a qual começou também por traduções do grego (*Odisseia* de Lívio Andronico). Assinala-se desde já que é esta uma constante meritória da obra — a de chamar a atenção para as relações existentes entre os escritores cristãos de língua latina e a velha matriz romana. Assim o assinala em Tertuliano, Minúcio Félix, S. Cipriano, Arnóbio, Lactânio, Juvenco, Santo Hilário, Santo Ambrósio, S. Jerónimo, Santo Agostinho, S. Dâmaso e na poesia cristã em geral. A mesma combinação é feita, por exemplo, ao referir a *Passio Perpetuae et Felicitatis* cujo «autor» se revela «simultaneamente romano e cristão» (p. 14). Devemos acrescentar aqui estar hoje demonstrado que esta *Passio* é obra de dois autores e não de um só (cf. Åke Fridh, *Le problème de la passion des Saintes Perpétue et Félicité*, Göteborg, 1968). A exposição sobre Tertuliano pode dizer-se magistral (pp. 15-24), considerando-o como apologista, teólogo, filósofo, pastoralista e estilista e definindo o seu estilo como «um maneirismo barroco» (p. 23). Apenas desejaríamos — e a observação vale também para os autores seguintes — que os títulos das obras viessem em latim ou pelo menos que a tradução francesa fosse seguida do título original latino.

Ao descrever «a geração de S. Cipriano» no cap. II (pp. 25-37), dá-nos páginas belíssimas, valorizando o diálogo de Minúcio Félix (pp. 26-29) e parece retratar as necessidades do nosso tempo quando se refere à acção de S. Cipriano como bispo. Mostrando-se compreensivo para com a discutida figura de Novaciano (pp. 33-35), põe depois em relevo a poesia moralizante e apocalíptica de Comodiano (que demonstra pertencer a esta época e não ao século v — cf. p. 26), assinalando a invasão da língua popular na sua obra, o que leva à deformação da prosódia (pp. 35-37). Finalmente vê no pulular de escritos pseudo-cipriânicos a prova da vitalidade da Igreja latina, demonstrada já na autonomia linguística e literária.

Ao entrar na «geração de Lactâncio», cap. III (pp. 38-50), começa por considerar Arnóbio «um novo Tertuliano» (pp. 39-42). Parece-nos pouco feliz tal identificação. Se Arnóbio é contundente como o fora Tertuliano, faltam-lhe as características essenciais do primeiro grande escritor latino cristão: a fé profunda, o zelo, o rigorismo. Lactâncio (pp. 43-48) é justamente considerado como um filósofo que pretende tornar acessível o cristianismo à razão humana. Certas também as considerações sobre o valor historiográfico de Lactâncio, bem como as que se referem à sua poesia *sobre a ave Fénix*.

«A geração de Hilário de Poitiers», cap. IV (pp. 51-62), começa pelo estudo do apologista Fírmico Materno, cuja figura não lhe é simpática. «É o representante típico destes cristãos novos cuja conversão é uma reviravolta, mais que uma transformação profunda de mentalidade conforme à *metánoia* evangélica» (p. 53). Atenta e perspicaz a exposição sobre a obra e as vicissitudes da vida de Santo Hilário de Poitiers, exegeta, teólogo, historiador, beneficiário de uma forçada estadia no Oriente. Finalmente Mário Vitorino é apresentado como outro mediador entre a cultura grega e o Ocidente através do seu neoplatonismo.

Daqui para diante J. Fontaine deixa de se referir a «gerações» para estudar figuras isoladas. Assim traz ele a grande plano Santo Ambrósio, S. Jerónimo e Santo Agostinho. «Ambrósio de Milão, mestre de vida», cap. V (pp. 63-76), dá-nos uma perspectiva, sob diversos ângulos, de um temperamento latino que sabe adaptar-se às obrigações pesadas do seu cargo episcopal. Às suas afinidades virgilianas, ciceronianas, horacianas e senequistas, junta o estudo que se impôs dos orientais, como S. Basílio, Filon e Plotino, além de a sua exegese ter influências de Orígenes. A sua correspondência, os seus tratados sobre a virgindade, os clérigos, a morte e o conjunto de circunstâncias em que governou conferiram-lhe uma enorme autoridade moral, mesmo na casa imperial. Como é fácil de compreender, a partir daqui J. Fontaine cita várias vezes as *Confissões* de Santo Agostinho. É pena não identificar a transcrição com a indicação do Livro e parágrafo onde se encontra o passo em questão. Também achamos que não deveria faltar aqui, ao falar da acção pastoral de Ambrósio, uma referência à sua poesia, embora esta venha a ser estudada mais adiante.

«Jerónimo de Estridónia, monge e biblista», cap. VI (pp. 77-89), começa por estabelecer uma magnífica antítese, de desenvolvimento insuspeitável numa obra tão curta, entre Ambrósio e Jerónimo. E depois vem a análise do filólogo, do historiador, do polemista, do director espiritual, do asceta, do crítico literário e sobretudo do tradutor da Bíblia. De estranhar é que Fontaine, que fornece traduções dos títulos latinos, nos coloque aqui perante duas palavras hebraicas sem se lhes poder descortinar o sentido. Segundo ele, S. Jerónimo aprendeu «os métodos da exegese judaica tradicional: *halaka* moralizante e piedosa *haggada*» (p. 85). A propósito de Jerónimo são mencionados sumariamente outros escritores: Sulpício Severo para a hagiografia e o monaquismo; Egéria para a literatura de peregrinações; e Rufino para a história. A figura plurifacetada de Rufino merecia maior desenvolvimento.

«Agostinho de Tagaste, bispo de Hipona» é o cap. VII (pp. 90-103). J. Fontaine entrega-se por inteiro a reconstituir, à luz da investigação dos últimos 50 anos, a figura gigantesca de Agostinho, contemporâneo de todas as idades e companheiro de angústias de cada homem. Faz passar o drama das «conversões», os variados

alvos dos seus escritos, as três obras cimeiras — *Confessiones*, *De Trinitate* e *De ciuitate Dei* —, a sua busca por uma estética cristã, o seu estilo, entendido como consórcio entre o latim clássico e a influência da Bíblia, sobretudo dos Salmos.

Temos quase a terminar «o esplendor da poesia, de Dâmaso a Paulino», cap. VIII (pp. 104-114). Após breve referência às origens (agora com citações documentadas de S. Paulo e de Plínio!) toca-se no problema do «indatável *Te Deum*» (p. 104). Mais adiante dirá que Nicetas de Remesiana foi «durante muito tempo, sem razão, considerado autor do *Te Deum*» (p. 113). Na revista *Hispania Sacra XX* (1967), pp. 3-29, o rev. dr. Albino de Almeida Matos trata «De nuevo el problema del autor del *Te Deum*» e conclui, após demorado estudo, que o seu autor é santo Hilário de Poitiers e que foi composto entre a sua partida para o exílio (356) e a sua morte (368). Como pioneiros da hinologia cristã temos Hilário de Poitiers e Mário Vitorino; S. Dâmaso é o cantor, em metros tradicionais, das glórias dos mártires romanos; Santo Ambrósio é o verdadeiro criador dos hinos cristãos latinos para uso litúrgico (cita-se aqui Santo Isidoro de Sevilha, mas não se indica sequer a obra...); Prudêncio eleva o lirismo cristão até ao apogeu (será Prudêncio um poeta «barroco» e «maneirista»? — p. 110) e projecta as suas imagens e alegorias ao longo da Idade Média; Paulino de Nola é um poeta tradicional com temas cristãos. Mais uma vez J. Fontaine estabelece paralelos, agora entre Paulino e Sulpício Severo e entre Paulino e Prudêncio (p. 114).

Quando esperávamos que a Literatura latina cristã continuasse até ao século VII ou VIII, vemo-la aqui quase bruscamente interrompida. J. Fontaine, em parte, tem razão, porque na mesma colecção «Que sais-je?» (n.º 1043) Jean Pierre Foucher, ao escrever *La littérature latine du Moyen-Âge* (Paris, 1963), remonta aos séculos III-VI e demora-se já com Boécio e Cassiodoro. Apesar disso Fontaine dá-nos ainda, em *epílogo*, sob o título de «os fundadores da Idade Média» (pp. 115-124) um rápido esboço da vida literária até à renascença carolíngia.

Neste bosquejo acentua-se a tendência para a quase ausência de quadros históricos. Apenas de Santo Agostinho nos foi dado um esboço biográfico sistemático (p. 92). Assim, sob o título de «a crise do século V: brilho relativo da Gália» são tratados também S. Cesário de Arles (que faleceu em 542) e Venâncio Fortunato, cuja vida decorreu entre 530 e 600 aproximadamente. Deveria, por isso, no título incluir-se também o século VI. Curioso igualmente que sob a epígrafe «crepúsculo da África e da Itália» (p. 118) comece por tratar da *Hispania*... Seria lógico tê-la colocado também no título. E praticamente da *Hispania* só se refere a Paulo Orósio e a Severo de Minorca. Não percebemos, porém, por que motivo Paulo Orósio é chamado «discípulo infiel» de Santo Agostinho. A sua obra *Historiarum aduersum paganos libri septem* é geralmente tida como inspirada em Santo Agostinho, sem se ver nisso qualquer traição.

O resumo que demos desta obra de Jacques Fontaine mostra bem como o trabalho nos parece bom para a colecção a que pertence. As observações que lhe fazemos cremos, no entanto, poderiam contribuir para acertar pequenos pontos de divergência.

J. G. F.